Homilia do Cardeal Tarcisio Bertone - 12 de Outubro de 2013

EUCARISTIA DA VIGÍLIA NA PEREGRINAÇÃO DE OUTUBRO Fátima, sábado 12 de Outubro de 2013 Queridos peregrinos de Fátima, Amados irmãos e irmãs! Comemoramos hoje a dedicação desta Basílica de Nossa Senhora do Rosário, que teve lugar há sessenta anos. É a Casa da Mãe, à qual acorrem os peregrinos para o encontro com seu Filho: «*Hei-de enchê-los de alegria na minha casa de oração*» (*Is* 56, 7). Aqui celebramos o mistério da presença amiga e real de Jesus Cristo, que nos fascina, conquista e salva, como fez com Zaqueu: «*Hoje entrou a salvação nesta casa*» (*Lc* 19, 9). «*Honra, portanto, a vós que acreditais*» (*1 Ped* 2, 7)! À luz da Palavra de Deus que foi proclamada, queria convidar-vos a ver neste sinal da divina presença, que é a Casa da Mãe, a memória da nossa origem do Alto, a tenda do encontro da família humana e a antecipação profética da nossa Pátria definitiva. 1. Nesta Basílica, podemos ver, antes de mais, a *memória da nossa origem do Alto*. Unidas e bem assentes sobre a «pedra angular» que é Cristo ressuscitado (cf. *1 Ped* 2, 6), pouco a pouco vão-se cimentando as pedras vivas dos redimidos. A sacralidade da Pessoa de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, comunica-se a todos os redimidos, chamados a fazer parte do único e verdadeiro templo de Deus. E, deste modo, o templo lembra-nos como a nossa vida de redimidos brota da iniciativa admirável de Deus que entrou na história para nos unir a Si e mudar o nosso coração e a nossa vida. Entretanto cada um de nós há-de interrogar-se sobre a verdade e profundidade da nossa ligação a Jesus, porque é possível dizer-se cristão, comungar, participar nas mais variadas iniciativas eclesiais, sem chegar a conhecer real e profundamente Jesus, permanecendo sempre à superfície. É muito fácil ser espectadores, sentados e tranquilos, empoleirados sobre os ramos do sicómoro a ver Jesus que passa. Mas, para conhecer Jesus, é preciso descer como Zaqueu e acolhê-Lo na nosssa casa: encontrar-nos intimamente com Ele; abandonar-nos a Ele, sabendo que tudo faz cooperar para o nosso bem. Abandonar-nos a Deus não quer dizer ter superado todos os nossos problemas, mas querer, com todo o nosso ser, que Ele possa actuar em nós e possa encontrar em nós plena colaboração, deixando-O orientar os cordelinhos da nossa vida, pois «é n'Ele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos» (*Act* 17, 28). Enquanto não chegarmos a viver este abandono nas mãos d'Aquele que nos incorporou em Si pelo Baptismo, não podemos afirmar que conhecemos plenamente Jesus e, n'Ele, o Pai. Irmãos e amigos, posso assegurar-vos que os meus momentos de maior felicidade e vida plena foram aqueles em que procurei verdadeiramente fazer viver em mim Deus e a sua vontade. 2. Em segundo lugar, esta Casa da Mãe recorda-nos que todas as coisas serão instauradas em Cristo (cf. *Ef* 1, 10), *tenda do encontro da família humana*, lugar da aliança de Deus com os homens e da união destes entre si. Como ouvimos na primeira Leitura, esta abertura universal estava profeticamente anunciada para a era

messiânica: «*A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos*» (*Is* 56, 7). Toda a família humana, segundo tempos e modos conhecidos unicamente do Pai celeste, converge para a plenitude do Cristo total na Igreja. E, enquanto as formas de que se vai revestindo a vida social são contingentes – podem existir ou não, em função da evolução histórica –, a Igreja não depende da história. Ela irrompe no mundo, precisamente porque a sua origem está fora do mundo: presente em Deus desde toda a eternidade, a Igreja faz-se anunciar no Paraíso terreal, é prefigurada em Israel, desce do Céu nas línguas de fogo no dia de Pentecostes e, entrando na história em Jerusalém, vai constituindo gradualmente o corpo de Cristo, a «plenitude d'Aquele que tudo preenche em todos» (*Ef* 1, 23). Isto, como disse, segundo tempos e modos conhecidos unicamente do Pai celeste. A Ele, nada é impossível! O próprio Jesus tinha dito: «*É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus*» (*Lc* 18, 25). Pois bem! Em Jericó, o divino Mestre pôde constatar a entrada no Reino de «*um homem rico, chamado Zaqueu* (…): *Hoje entrou a salvação nesta casa*» (*Lc* 19, 2.9). O chefe de cobradores de impostos é resgatado por Jesus; habituado a cobrar até ao último cêntimo, Zaqueu não pagou nada pelo seu resgate, pela sua salvação. A gratuidade, a amizade, a comunhão com o Salvador deixam-no comovido, feliz, e aberto a todos, como as portas da sua casa se abriram para a festa do perdão. No texto, porém, subjaz a mesma interrogação que Lucas propõe no final da parábola do filho pródigo (cf. *Lc* 15, 28): conseguirão as pessoas que se consideram justas entrar para se congratularem e fazerem festa com Zaqueu? Mostrando Jesus que Se senta à mesa com os publicanos e os pecadores, Lucas desafia-nos a deixar cair os muros de separação entre aqueles que se consideram justos e os pecadores. Queridos peregrinos, este santuário chama-nos à solidariedade com todos, como pedras vivas que reciprocamente se apoiam e harmonizam na construção sobre a pedra angular que é Cristo. De nada serviria frequentarmos a igreja, se não nos levasse a viver a comunhão, a missão e o serviço aos mais pobres e marginalizados. 3. Dizemos, enfim, que esta Casa da Mãe é *antecipação profética da nossa Pátria definitiva,* quando Deus será «tudo em todos» (*1 Cor* 15, 28) na Jerusalém celeste; lá não haverá lágrimas, nem tristeza, nem dor, nem morte. Sabemos que, no templo, os crentes renascem para a vida divina e, nele, serão abençoados para o último êxodo rumo à Pátria eterna. Se formos capazes de acolher Jesus na quotidianidade da vida, com opções concretas de conversão como Zaqueu, saberemos ir ao encontro d'Ele na glória, no momento do seu regresso como Senhor e Juiz do universo. Unido a Ele, o povo dos crentes – adquirido por caro preço – não só leva uma vida que tem como horizonte o Céu mas, por sua vez, coopera para a salvação dos outros, ao «*anunciar os louvores d'Aquele que nos chamou das trevas para sua luz admirável*» (*1 Ped* 2, 9). «*Honra, portanto, a vós que acreditais*» (*1 Ped* 2, 7)! Nesta noite de vigília, queridos peregrinos, rezamos, não cada um em segredo, mas como um imenso povo em marcha, seguindo Cristo ressuscitado, iluminando-nos e arrastando-nos uns aos outros, apoiados nas palavras de Jesus que são luz para os nossos passos. Assim o povo de Deus aprende a ser a Igreja da esperança e da alegria: sabe que Deus está agindo na história, que já agora é a aurora do tempo que há-de vir e que, por isso, o nosso coração pode estar cheio de alegria, de confiança, de esperança: «*Hei-de enchê-los de alegria na minha casa de oração*» (*Is* 56, 7). O Beato Francisco passava horas e horas na companhia de «Jesus escondido» na

Eucaristia, imerso em Deus e profundamente feliz. «Esta gente – confessava ele às duas companheiras – fica tão contente só por lhes dizermos que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler. O que seria se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus!» Na mesma linha, Santo Anselmo confessava sentir «os olhos da alma encandeados pelo esplendor» da luz divina: «Na luz inacessível em que habitais, Senhor, ninguém pode entrar para ver-Vos claramente tal como sois. Eu não vejo essa luz, porque é excessiva para mim; e, no entanto, tudo o que vejo, é por meio dela que o vejo: como a nossa vista humana que, pela sua fraqueza, só pode ver por meio da luz do sol e contudo não pode olhar directamente para o sol» (*Proslógion*, 14, 16).
Bem, se não podemos fixar o sol, podemos fazê-lo com a lua, tomada aqui como símbolo para a Virgem Maria. Elevada em corpo e alma à glória do Céu, «Ela é a aurora e a imagem da Igreja triunfante, Ela é sinal de consolação e de esperança» (*Prefácio da Assunção da Virgem Maria*) para o povo peregrino, porque o que sucedeu em Maria vai realizar-se na Igreja. Amados irmãos e irmãs, olhai para Maria, invocai-A e imitai-A, porque Ela é sinal e prenúncio do que seremos: como é a Mãe, assim se esperam os filhos. Como povo presente na história mas peregrino para a Pátria, nós conhecemos o amor de Deus e, como Maria, acreditamos nele, para sermos semeadores de esperança e construtores de paz. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

---

www.fatima.pt/pt/news/homilia-cardeal-tarcisio-bertone-12-outubro-2013